

Transferência, metáfora do discurso amoroso - Inconsciente, desejo e discurso¹

Nadia Regina Loureiro de Barros Lima²

Resumo

Com este trabalho, propomos discutir algumas idéias em torno da questão da transferência, metáfora do discurso amoroso. Para tal, num primeiro momento, buscamos refletir sobre a função teleológica da Psicanálise para, em seguida, situar a transferência como o motor básico que põe em ação o cenário analítico, palco onde se desenrola uma relação amorosa, tecida através do fio da palavra.

A cena analítica e o reconhecimento simbólico do desejo

“...quanto mais estranho a nós é o desejo que deu origem ao nosso desejo, mais ele tenderá a se repetir em nossa vida sob a forma de destino”.
(Kehl, M^a Rita, 1996,207)

Recentemente, chamou-nos atenção a capa de uma revista em que se lia como manchete “*O Fim da Psicanálise? Será que alguém (incluindo você) ainda precisa de Freud?*” (Cavalcante, R. 2002), cujo conteúdo do artigo do mesmo título direciona para um fim próximo desse campo do saber inaugurado pelo mestre de Viena, diante do crescente avanço da indústria farmacêutica. Será? Será que as dores da alma, que tanto afligem os mortais da espécie humana, se resolveriam com “prosacs” e similares, destinados a amenizar estados depressivos?

Pelo que consta na história da humanidade, tudo indica que a condição de incompletude, própria ao ser humano, acompanha-lo-á sempre, independente das benesses trazidas pelo avanço da medicina ou da química farmacêutica, e isso porque a falta é inerente ao ser humano; paradoxalmente, essa falta, que aponta para a finitude e para a morte, é exatamente o que move a vida e o desejo de viver, pois é a incessante busca de completude que faz os viventes persistirem na sua caminhada. Se assim for, a

psicanálise sempre terá sentido, visto que a sua finalidade não se encontra na resolução de sintomas (como é o caso da medicina), uma vez que não cabe a ela se ater nem aos sintomas nem a sua resolução que, quando vem, é por acréscimo. Outrossim, não lhe cabe responder às necessidades e demandas, tendo em vista a adaptação existencial, como é o caso da psicologia.

Qual, então, o possível sentido da psicanálise?

Considerando ser o desejo objeto por excelência desse campo do saber inaugurado por Dr. Freud, todo o movimento deste campo far-se-á em torno daquele, do desejo, que sempre estará para aquém e além do sujeito, donde a posição deste ser sempre a de “assujeitado a”. Tal assujeitamento advém de um não-saber em relação ao desejo e isso acontece porque os nossos desejos não são nossos, mas de outrem, que chegam até nós por herança, desde que nascemos. No âmbito coletivo, esse fato, historicamente acentuado no período pós-II Guerra Mundial, diante de uma juventude liberta, mas também desamparada, por desconhecer o sentido dos discursos advindos com o fim das tradições, levou o poeta René Char a dizer: “*Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento.*” (Kehl, M^a Rita, 1996:206). Kehl, por sua vez, traz as palavras do poeta para o campo psicanalítico e, atentando para a relação, desconhecimento do desejo x repetição como *destino*,

¹ Trabalho apresentado na II Jornada Interna do GPAL, em dezembro/2002.

² Psicóloga clínica, Mestre em Sociologia (UFPE), membro do NTMC/UFAL, da REDOR e do GPAL.

acrescenta às palavras dele que, "*sem nenhum testamento, não sabemos desfrutar da herança que nos foi legada,*" (Kehl, 1996:207) em outras palavras, quanto mais estranho o desejo, mais se repetirá como destino.

O inconsciente, em última instância, é esse não-saber em relação ao desejo, que na análise é atualizado, com analistas funcionando naquele lugar de intérpretes do desejo do Outro, escutando no dito o "não dito", ajudando a decifrar incógnitas da história de vida de analisantes, a preencher lacunas e buracos do passado, buscando apreender os "x" da questão; o desejo pode ser comparado com aquele x da matemática que, na análise, poderá vir a ser revelado, a partir da intervenção analítica, dirigida à leitura dos desejos herdados, buscando o reconhecimento simbólico desses desejos. Tomando como diretriz o aforismo freudiano "*Wo Es war, soll Ich werden. Là où fut ça, il me faut advenir. Lá onde isso foi, ali devo advir*", (Lacan, J. 1957 [1998]: 528) a função precípua da psicanálise é trabalhar no sentido de que o desejo infantil, desejos caóticos da primeira infância, venha à tona e, em vindo, que sejam reconhecidos simbolicamente; nesse sentido, o que se busca na cena analítica é reconhecer nossa história dos desejos contada nessa história da qual, a partir de uma nova recombinação de elementos, poderá advir uma nova história. Não a história do mundo, porque não se faz análise tendo como objetivo primeiro mudar o mundo, mas sim mudar a nossa relação com o mundo, nos ajudando a dar conta de nossos fantasmas, simbolizando o imaginário.

É nesse sentido que uma analisante, avaliando sua relação familiar, chega a afirmar que, apesar de sempre ter tido uma relação difícil com a mãe, "*hoje está cada vez melhor. Não sei como, porque ela continua a mesma...*" Dando prosseguimento à sua fala,

acrescenta que sempre teve vontade de se mudar, ficar longe da família e conclui dizendo: "*Eu não me mudei pra outro canto, mas eu mudei, acho que por isso minha relação com minha mãe mudou.*"

Explicitando o sentido da psicanálise, Birman (1996) a concebe como uma *ficção* necessária, ao afirmar que o que se busca com uma análise é uma "*estilística da existência*" e, assim sendo, a psicanálise estaria muito mais para a ética e estética do que mesmo para a ciência; é nesse sentido também que, no processo analítico, a história falada pelo³ analisante não tem compromisso com a história real de suas vidas, adquirindo um sentido "*ficcional*", e uma nova história de vida poderá vir a ser contada. Seguindo o trajeto dessa mesma linha de raciocínio, Kehl enfatiza o sentido da análise, diante da possibilidade de se contar uma nova história para si mesmo, lembrando o que disse uma de suas analisantes num momento positivo de seu percurso analítico: "*Nunca é tarde para se ter uma infância feliz...*" (Kehl, 1996:198). Outrossim, uma outra, que sempre se queixara da infância infeliz, com todos a lhe "*jogarem pedras*", no decorrer de seu processo analítico, reconsidera sua fala, dizendo que está começando a lembrar de momentos bons da infância, "*antes, só me lembrava de coisas ruins e agora começo a ver que não foi tão trágica assim (...)*". Essa revisão simbólica da história de vida a leva a constatar que, se antes só via todos a lhe jogarem pedras, agora começa "*a perceber que jogavam pedras sim, mas eu é que colocava as pedras nas mãos deles, pra jogarem em mim*". No discurso, uma nova história começa a ser delineada.

Através da fala, no cenário analítico, a história de vida vai sendo reconstruída, à medida que é simbolizada e, através desse processo, elementos se combinam e recombinaem na estrutura discursiva, não no sentido de alterar a estrutura, mas de simbolizar o imaginário, através da fala.

³ Estamos usando o símbolo @ para masculino e feminino, quando falamos dos dois sexos.

Transferência, metáfora do discurso amoroso - Inconsciente, desejo e discurso

Pela transferência, a reedição de uma cena amorosa

"O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias (...) substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico." (Freud, F. 1905[1901]:110)

"A transferência é algo que põe em causa o amor (...) o amor é dar o que não se tem". (Lacan, J. 1960[1992]:71, 126)

Estando a Psicanálise inserida no campo das representações, o que acontece no cenário analítico é a reedição simbólica do ocorrido no passado remoto da infância de cada analisante, quando se vão repetir cenas de afetos (através da palavra) vivenciadas com outros personagens que, naquele momento, serão substituídos pela pessoa d@ analista. A isso se dá o nome de transferência. Segundo Kaufmann, esse termo foi usado por Freud, pela primeira vez, e em francês, por volta de 1888, num artigo sobre histeria, para o dicionário médico de Villaret e significava "mudança do sintoma histérico de um lado para outro do corpo" (Kauffman.P.1996:548); é só em 1895, em seu artigo sobre "Estudos sobre Histeria", que vem a usar o termo no sentido que hoje conhecemos e, desta feita, transferência (Übertragung) é comparada à falsa ligação, por envolver @ analista na psicanálise de um sujeito. Nesse sentido, adquire um caráter perturbador devido ao surgimento, na análise, do amor que se volta para @ analista, desempenhando ao mesmo tempo uma função reveladora (do passado) e de resistência (ao relato desse passado). Mais tarde, em 1915, em "Observações sobre o amor transferencial", Freud vai questionar se este não será a cópia de uma amor antigo para, em seguida, reconhecer que não há por que se admirar desse

fato, tendo em vista que todo enamoramento repete modelos infantis.

Lacan, por sua vez, desde 1951 já se preocupa com a elaboração conceitual desse termo e, em "Intervenção sobre a transferência", faz uma análise da transferência de Dora, no sentido de inversões dialéticas; mais tarde, em 1953, nos "Escritos técnicos de Freud", se preocupa com a dimensão simbólica da transferência, remetendo a Freud, que a via como deslocamento dos elementos inconscientes, buscando o lugar do Outro nos furos presentes da fala.

Na análise, a que Outro @ analisante se dirige?

Essa questão faz sentido porque a transferência se passa entre o Outro e o eu, como Freud apontara no caso Dora, articulando o lugar simbólico ocupado pelo Sr. K.; esse Outro é um lugar (de significantes), para o qual o saber do sujeito é transferido, se repetindo não simplesmente uma cena ocorrida no passado, mas edições revistas e corrigidas dessa cena: o passado do sujeito é um passado falado no presente, uma realidade topológica e por isso, "Nunca é tarde para se ter uma infância feliz..." Em 1960, no seu seminário sobre a transferência, Lacan compara o Banquete de Platão com uma sessão de análise, atribuindo a Sócrates o lugar de analista, condição necessária à elucidação da verdade no amor transferencial. No Banquete, Diótima, a estrangeira de Mantinéia, fala em seu lugar sobre o amor; esse tema, fundamental para fazer entender o que se passa na transferência, é evidenciado por Lacan, no Banquete e, particularmente, diante da declaração de amor de Alcebiades por Sócrates, quando este lhe responde: "Não foi para mim que você falou, mas para Agatão." (Lacan, J., 1960 [1992]:140).

Transportados... Afetos são transportados, de um para outro lugar, o amor a transportar e uma cena a ser reeditada.

Através da palavra, a tessitura do cenário analítico

"(...) – *Metáforas, homem!*
– *Que são essas coisas?*
– (...) *são modos de dizer uma coisa comparando com outra.*"

Antonio Skármeta – O carteiro e o poeta.

Se a transferência é a metáfora do desejo, como esse desejo é apreendido numa relação analítica?

Se tomarmos a palavra metáfora como substituição de um termo por outro, é possível afirmar que a transferência consiste numa metáfora amorosa, na medida em que personagens afetivamente significativos são substituídos por outros; do mesmo modo que, no sonho, desejos são substituídos por imagens, na cena analítica, aqueles personagens dos amores primeiros são substituídos por analistas. Nesse cenário, diante do que é dito, cabe @ analista remeter ao simbólico, onde cenas são reeditadas.

Desde criança, recebemos de nossos ancestrais, a herança parental, que vai desde o nome – "*Nome não se dá, se recebe, é presente...*" – aos desejos, que nos são introjetados e que, com o passar do tempo, assumimos como se fossem nossos; não só assumimos, mas nos angustiamos, quando desconhecemos a trajetória dessa herança. É disso que fala uma analisante, ao enunciar "*Eu não gosto de meu nome, desde menina, no colégio, tinha vergonha de dizer o meu nome (...).*" Mais tarde, continuando a falar sobre esse incômodo, acrescenta: "*Esse era o nome da minha tia, a primeira mulher de meu pai e irmã de minha mãe, eu não gosto desse nome... parece que eles tinham culpa.*"

O que se busca na análise, portanto, é tentar reconhecer a história dos desejos contada nessa história, na história de vida de cada pessoa, a partir de uma recombinação de elementos propiciada pela relação transferencial. Mas, para que isso ocorra, que condições são necessárias?

Na estrutura da linguagem repousa uma fala, e a estrutura discursiva é apreensível através dessa fala, estrutura essa que domina, metaforicamente, a estrutura psíquica; é graças a essa fala dita no cenário analítico que o desejo é revivido, a partir da relação transferencial. Na palavra dita através da fala do sujeito, a escuta analítica apreende para além do que está sendo dito, no dito, o "não dito"; é dessa forma que, na estrutura discursiva, vai sendo traçado o desenho dos afetos. Os âmbitos do discurso são múltiplos mas, em se tratando do âmbito psicanalítico, interessa buscar os sentidos em que o sujeito falante – o sujeito psíquico – às custas da associação livre e da interpretação –, vai traçando, a partir de seu "romance familiar", a história pessoal, processo esse viabilizado graças à transferência, quando os amores primeiros são transportados e revividos nesse novo cenário amoroso.

A cena analítica, enquanto uma relação entre falantes, é mediatizada pela palavra, pelo código, código este que lhes antecede, já que não é criação individual, porque, como diz Foucault, "*no momento de começar a falar, já me precedia uma voz sem nome*" (Foucault, M. 1980:9); em se tratando da heterogeneidade do discurso, não só uma voz sem nome, mas várias "vozes" possíveis se fazem presentes numa mesma fala é, nesse sentido, poder e desejo estão no controle, limitando o discurso. Este, como palavra em movimento, é viabilizado através da transferência, ocorrente no cenário analítico e tecido pelo fio da palavra, que transporta amor entre parceiros atuantes.

Referências bibliográficas

Birman J. (1996) *Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo: Editora 34.

Cavalcante, R. (2002). O Fim da psicanálise? Será que alguém (incluindo você) ainda precisa de Freud? *Superinteressante*, Rio de Janeiro: out.2002, nº 42.

Foucault, M. (1980). *El orden del discurso*. Barcelona: Tusquets Editores.

Freud, S. e J. Breuer. (1893 [1895]) (1988). *Estudos sobre a Histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. 2. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1905 [1901]) (1988). *Fragmentos da análise de um caso de histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol.7. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1915 [1914]) (1988) *Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise e da teoria da psicoterapia III)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. 12. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1905[1901]) (1988) *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol.7. Rio de Janeiro: Imago.

Kehl, Maria Rita. (1996). *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago.

Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. *Intervenção sobre a transferência* (1951) (1998). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 214-225.

Lacan, J. (1953-1954) (1986). *O Seminário: Livro I: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1957) (1998). *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: *Escritos*. R.J.: Jorge Zahar, 496-533.

Lacan, J. (1960-1961) (1992). *O Seminário: Livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Skármeta, A. (1996). *O Carteiro e o poeta*. Rio de Janeiro: Record.

*A propósito da transferência:
"Não esqueça que esses sentimentos
positivos são como o vento que põe em
movimento os mós de nossos moinhos"*

Freud.